

## NÚMERO DE CASOS E ÓBITOS AUMENTA ENTRE JOVENS E PERFIL DA PANDEMIA MUDA NO BRASIL

A 34ª edição do **Boletim Conexão Saúde - De Olho no Corona!** apresenta dados que apontam para o rejuvenescimento da pandemia da Covid-19 no País: a faixa etária de 20 a 29 anos foi a que registrou maior aumento de mortes pela doença, ao passo que o maior crescimento de casos no País foi na faixa etária entre 40 e 49 anos.

Um olhar mais apurado sobre o comportamento e necessidades dos jovens e o impacto da pandemia sobre suas rotinas e planos, mostra que há muitas questões que preocupam e atravessam o cotidiano da juventude - especialmente a de favelas e periferias - desvendando complexidades por detrás dos números.

Insegurança com o futuro, falta de perspectivas, perda de renda, adoecimento mental, convivência familiar, dificuldade de acesso a aulas remotas e operações policiais violentas estão entre os impactos da pandemia entre esta faixa etária. Soma-se a isso a crença de que a doença acomete apenas idosos e pessoas com comorbidades, fazendo com que muitos não tomem os cuidados necessários contra o vírus ou o vejam como um mal menor diante de outras adversidades.

Como nas demais edições, o boletim traz o panorama geral dos casos, óbitos, vacinação e testagem na Maré e em Manguinhos a partir dos dados oficiais e do projeto Conexão Saúde - De olho na Covid. Neste número, trazemos ainda percepções de um grupo focal realizado com jovens da Maré e entrevista com o psicólogo Stallone Abrantes, da Luta pela Paz, instituição que lidera projetos de saúde mental com jovens mareenses durante a pandemia.

Boa leitura!

### ÍNDICE

**As mudanças no perfil etário dos casos e óbitos de Covid-19 no Brasil**

**A percepção dos jovens da Maré sobre a pandemia**

**Cenário atual de distribuição das vacinas contra Covid-19 no município do Rio de Janeiro**

**Panorama geral da pandemia: Maré e Manguinhos**

**Entrevista com Stallone Abrantes, psicólogo da organização Luta Pela Paz**

# AS MUDANÇAS NO PERFIL ETÁRIO DOS CASOS E ÓBITOS DE COVID-19 NO BRASIL

Após um ano de pandemia, médicos e cientistas passaram a indicar que o perfil etário dos mais atingidos pela Covid-19 mudou. Se no ano de 2020 os leitos eram ocupados majoritariamente por idosos com comorbidades pré-existentes, em março de 2021, levantamento feito pela Associação de Medicina Intensiva Brasileira (Amib) mostrou que 52% das internações nas UTIs brasileiras foram de pessoas com até 40 anos de idade.

Dados estaduais também indicam a mesma tendência. No Rio de Janeiro, levantamento feito pela Rede Américas, responsável pela gestão de cinco unidades de saúde na Capital mostra que o percentual de pessoas entre 18 a 44 anos internadas com Covid-19 em UTIs da rede particular quase triplicou em três meses, passando de 5.3% em janeiro para 17.7% em março.

Em boletins divulgados, respectivamente, em março e abril de 2021, a Fiocruz afirma que, junto ao colapso do sistema de saúde, a partir de março de 2021 a pandemia ganhou novos contornos, afetando faixas etárias mais jovens. A Fundação apontou que, em relação ao que chama de semana epidemiológica 1 (03 a 09 de janeiro de 2021), a semana epidemiológica 14 (04 a 10 de abril) apresentou um aumento significativo e crítico em relação ao número de mortes por Covid-19 entre jovens de 20 a 29 anos: cerca de 1.080%.

Já nas idades de 40 a 49 anos, houve o aumento significativo do número de casos, indicando o crescimento de 1.200%. Os dados se destacam do número global de aumento de óbitos (429,47%) e de casos (642,80%) divulgados pela Fundação.

**Em relação ao que chama de semana epidemiológica 1 (03 a 09 de janeiro de 2021), a semana epidemiológica 14 (04 a 10 de abril) apresentou um aumento significativo e crítico em relação ao número de mortes por Covid-19 entre jovens de 20 a 29 anos: cerca de 1.080%.**



Alguns especialistas destacam que a primeira onda da pandemia durou de março até outubro de 2020 e estamos vivenciando a segunda onda desde novembro deste mesmo ano. Considerando este período, foi possível identificar na Maré, um aumento do óbitos de pessoas com menos de 60 anos, sobretudo a partir do mês de fevereiro de 2021. Ao comparar os períodos de novembro a janeiro e fevereiro a abril é possível identificar um aumento de 24% nos óbitos de pessoas com menos de 60 anos, enquanto os óbitos de pessoas com mais de 60 anos passaram de 78% para 54%.

Segundo os principais especialistas da área da saúde, dentre as possíveis causas do aumento da infecção entre os jovens no Brasil destacam-se:

**[1] o comportamento mais arriscado;**

**[2] a volta ao trabalho;**

**[3] a nova variante P1.**

O **comportamento mais arriscado** está relacionado ao fato - comprovado desde o início da pandemia - de que os mais jovens são menos suscetíveis a desenvolver os sintomas mais graves da doença e morrer por complicações dela. No entanto, este fato não torna os jovens imunes à doença. Essa falsa percepção desestimula medidas preventivas, como o uso de máscara, e o isolamento social entre esse grupo - deixando-os mais expostos à contaminação.

Os mais jovens também são aqueles que compõem a maior parcela da força de trabalho ativa (formal ou informal) ou dos que buscam um emprego.

Considerando a redução e os cortes no auxílio emergencial, a **volta ao trabalho** para garantia da subsistência, é um dos elementos que impactam o aumento de casos e óbitos da população jovem, sobretudo os de poder aquisitivo menor.

## O ano de 2021 registrou mais mortes por Covid-19 do que todo o ano passado - ou seja, em menos de cinco meses mais pessoas morreram do que em nove meses de pandemia em 2020

A **nova variante**, nomeada de P1, descoberta em janeiro deste ano em Manaus, é até 2,4 vezes mais transmissível do que outras linhagens do coronavírus e, segundo estudos recentes, pode infectar novamente quem já teve a doença, levando a quadros mais graves. Evidências associam essa nova variante ao maior número de hospitalizações e mortes, especialmente de jovens.

O ano de 2021 registrou mais mortes por Covid-19 do que todo o ano passado - ou seja, em menos de cinco meses mais pessoas morreram do que em nove meses de pandemia em 2020. No entanto, pesquisadores apontam uma redução no número de óbitos e internações de pessoas idosas, faixas etárias prioritárias na vacinação.

Segundo o SivepGripe, em pessoas com idade entre 80 e 89 anos, as mortes pela Covid-19 caíram 16% entre a penúltima semana de janeiro, quando começou a imunização no país, e a primeira semana de abril. Idosos a partir de 90 anos tiveram redução de 26% no mesmo período. Os casos graves também apresentaram redução nessas faixas etárias.



## A PERCEPÇÃO DOS JOVENS DA MARÉ SOBRE A PANDEMIA

Segundo a pesquisa “Juventude e a Pandemia do Coronavírus”, realizada pelo Conselho Nacional da Juventude (Conjuve) que entrevistou 33.688 jovens de todo o Brasil, os principais impactos da pandemia na juventude estão divididos em quatro categorias: [1] economia, emprego e renda, [2] educação e aprendizagem, [3] contexto e expectativas e [4] hábitos, saúde e bem-estar.

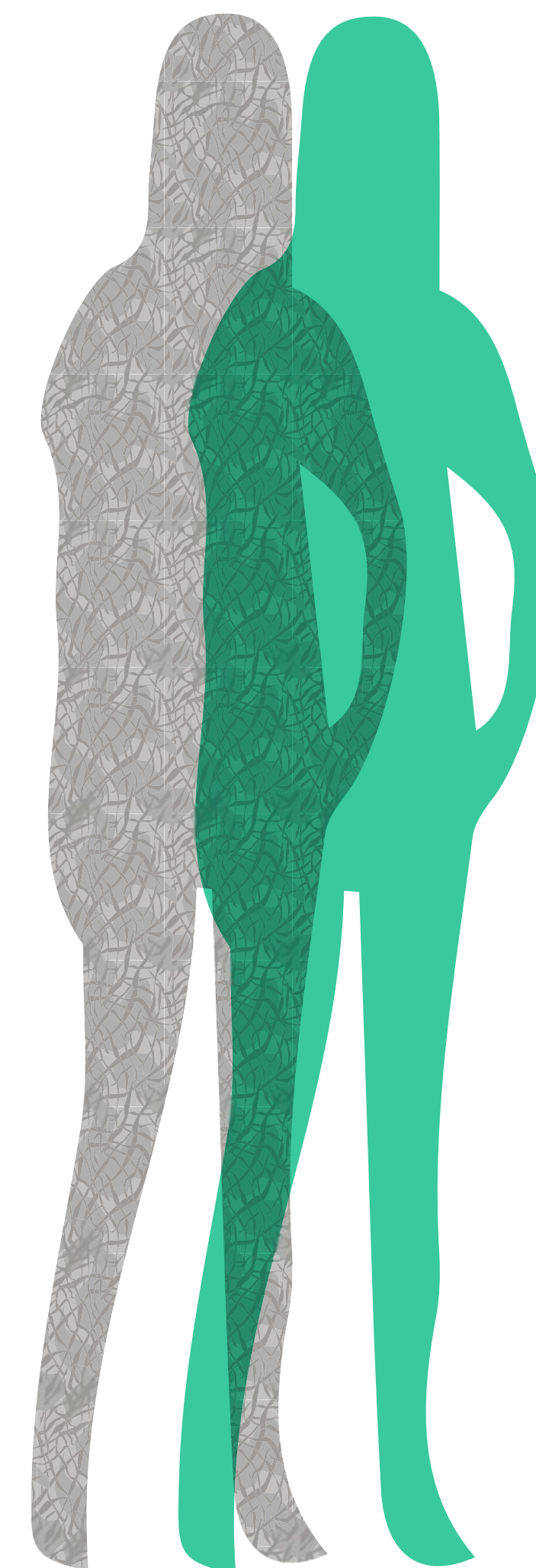
A pesquisa aponta que 6 a cada 10 jovens tiveram alteração em sua carga de trabalho desde o início da pandemia, seja por aumento, redução ou parada temporária das atividades ou por demissão e fechamento do local de trabalho. A renda familiar foi mais afetada do que a renda pessoal de jovens: enquanto 4 a cada 10 indicam ter diminuído ou perdido sua renda, 5 a cada 10 mencionam essa redução na renda de suas famílias.

Sobre educação e aprendizagem, os jovens apontaram que os principais desafios para estudar em casa não estão na falta de tempo ou no aparato tecnológico disponível, mas no equilíbrio emocional, na dificuldade de organização para o estudo à distância e na falta de um ambiente tranquilo em casa.

Sobre as expectativas, quase a totalidade dos jovens entrevistados valoriza a descoberta da vacina e acreditam que o retorno à escola ou à faculdade e o reencontro com amigos e familiares são relevantes para a sua saúde emocional. A ansiedade, o tédio e a impaciência foram apontados como os sentimentos mais presentes durante o isolamento social.

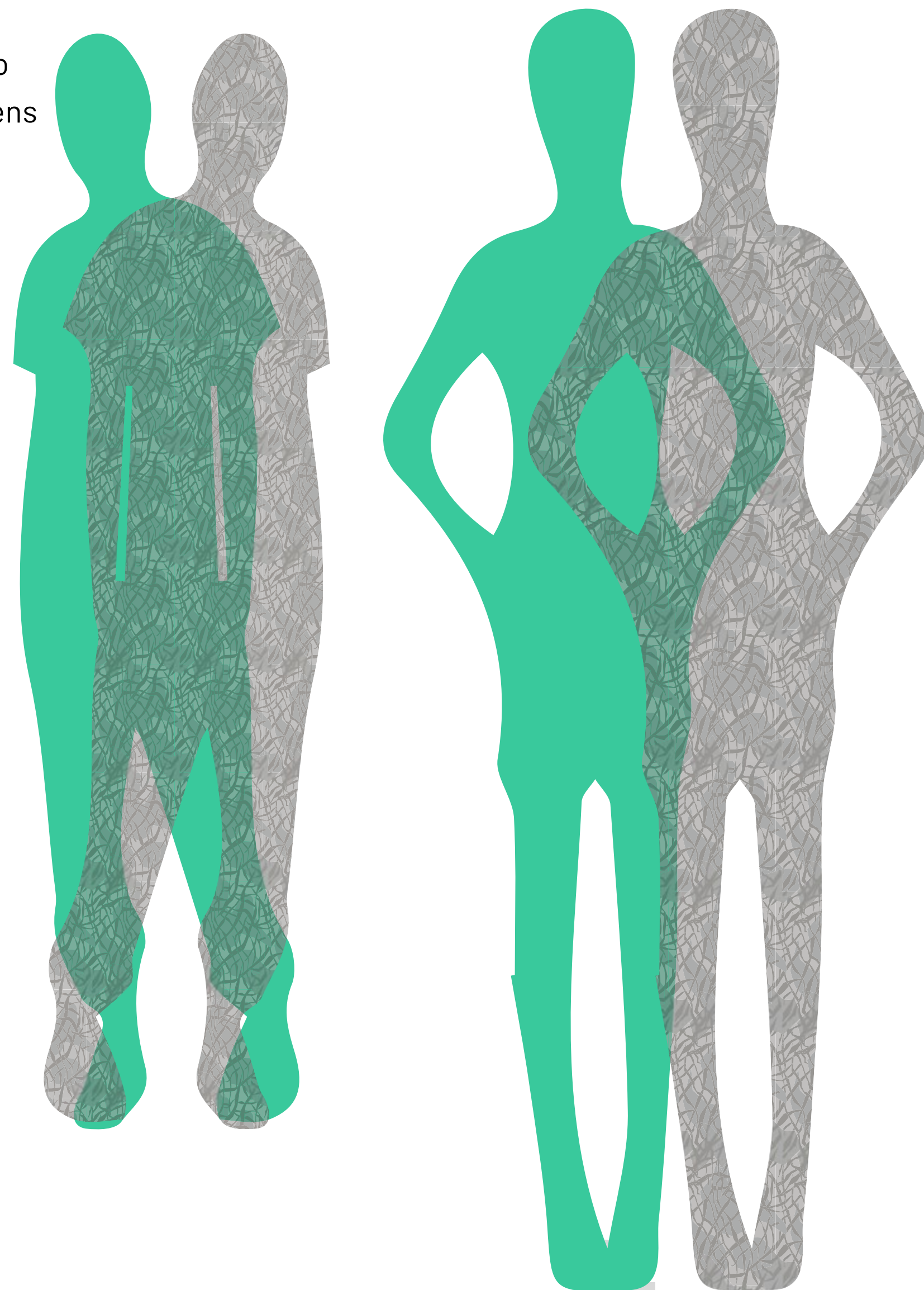
Recentemente o projeto Conexão Saúde realizou um grupo focal com jovens moradores da Maré e a percepção deles sobre a pandemia tem similaridades com a pesquisa do Conjuve. Sobre os impactos no trabalho e renda durante a pandemia, uma jovem moradora de 17 anos falou:

*“Quando a pandemia começou eu tive que ter responsabilidades de adulto: minha mãe perdeu o emprego e o meu pai teve o salário cortado em 60% mesmo sendo servidor público e apertou tudo lá em casa. No meio disso eu me descobri no meio da fotografia e do audiovisual, então isso me ajudou muito. Na pandemia minhas crises aumentaram, eu estava mal demais, mas tive esse suporte, o que dá muito medo porque a gente sabe que muita gente não tem. Com certeza, não vou para a rua aglomerar. Mas fazer algo fora de casa, criar algo novo, estudar e ter acesso a novas coisas me fez sobreviver. A arte, enfim, todo esse meio me fez sobreviver.”*



A falta da convivência social também foi assunto recorrente ao longo do grupo focal . Um dos jovens relatou sobre seus sentimentos durante o isolamento social e sua relação com a rua:

*“Eu nunca fui de frequentar os espaços aqui dentro e com a pandemia contraditoriamente eu comecei a fazer mais isso, de parar em bares. Mas sempre gosto de ficar mais em lugares isolados, depois da pandemia eu comecei a dar mais valor para as coisas que acontecem aqui dentro da Maré”*



As expectativas para o futuro, em um cenário instável como o da pandemia, afetam sobremaneira a saúde mental dos jovens entrevistados, como relata um deles:

*“É engraçado pois meus amigos que estavam pensando sobre o futuro foram os que tiveram crises de ansiedade. Antes da pandemia sempre falávamos sobre isso, mas agora é isso o que mais tem nos deixado ansiosos”.*

Questões que foram exacerbadas na pandemia e que, ao lado de crenças sobre o perfil etário da doença - de que ela acomete mais idosos e pessoas com comorbidades - e o avanço da vacinação entre pessoas mais velhas, estão colocando os jovens no foco da preocupação com a doença no Brasil.

CENÁRIO ATUAL DE DISTRIBUIÇÃO DAS VACINAS CONTRA COVID-19 NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO (ATÉ 19/04)

Na capital foram aplicadas **1.832.071** primeiras doses da vacina, representando **27%** da população carioca. **864.600** pessoas receberam a segunda dose. **TOTALIZANDO 2.706.910**

**VACINAÇÃO NA MARÉ**

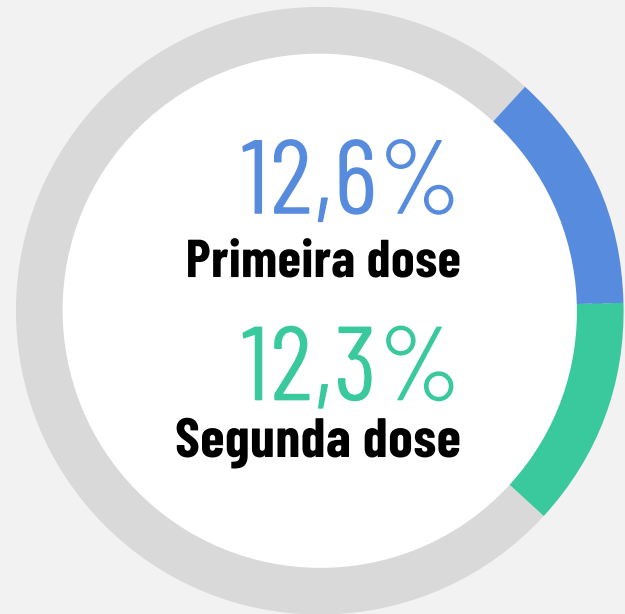
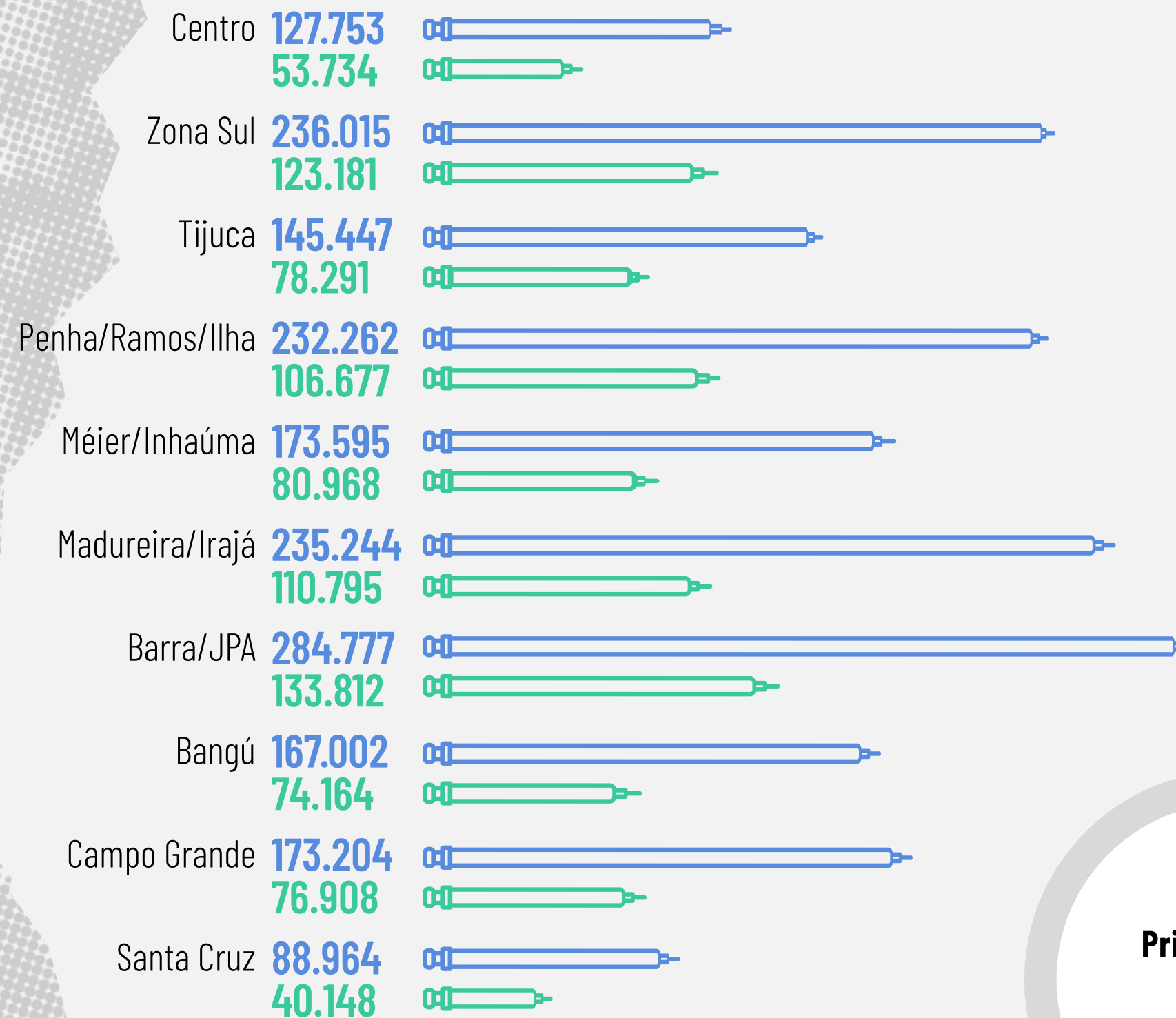
**27.036** doses até 19/5

Primeira dose: **19.173 pessoas (14% da população)**

Segunda Dose: **7.863 pessoas (6% da população)**

Fonte: CAP 3.1

VACINAÇÃO POR ÁREA DE PLANEJAMENTO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO



A área 3.1, que abarca Maré e Manguinhos, até a mesma data passou a ocupar o quarto lugar em números de pessoas vacinadas por área de planejamento: 226.765 pessoas foram vacinadas com a primeira dose e 106.267 receberam a segunda dose.

NO BRASIL

Até 19/5

**40.365.246**

peças receberam até agora a primeira dose da vacina

**19,06%**

da população brasileira.

Já em relação à segunda dose,

**19.909.403**

peças foram vacinadas



Wikimedia Commons

Fonte: Painel Rio Covid-19 e Consórcio de Veículos de Imprensa

## PANORAMA GERAL DA PANDEMIA: MARÉ E MANGUINHOS

**A**pós mais de um ano de pandemia, o Brasil continua em uma crescente de casos e óbitos por Covid-19, sendo o terceiro país do mundo com maior número de casos e segundo com maior número de óbitos.

Até 17/05/2021, o país notificou 15.657.391 casos e 436.537 óbitos. Dados da Secretaria de Estado do Rio de Janeiro apontam para uma gradativa melhora no número de casos em relação ao mês anterior, passando a bandeira laranja (risco moderado). Na Capital, segundo o Painel Rio Covid-19 foram notificados 303.394 casos e 25.289 óbitos até 17/05/21. Nos últimos 14 dias o número de casos no município subiu 16% e o de óbitos, 5%.

A Maré soma 4.386 casos e 271 óbitos - um aumento de 11,5% dos casos e de 1,5% dos óbitos nos últimos 14 dias (de 267 para 271 mortes entre 04 e 16/05). Já em Manginhos os dados oficiais demonstram um aumento de 12,5% dos casos e de 7% dos óbitos em duas semanas (de 86 para 92 mortes entre 04 e 16/05). A partir dos números é possível identificar uma tendência de crescimento substancial do número de casos e redução do número de óbitos em relação às semanas anteriores.



Gabriela Lino / Conexão Saúde

O projeto Conexão Saúde - de Olho na Covid tem nos Centros de Testagem a capacidade de produzir dados e contribuir para a vigilância em saúde no território. Desde agosto de 2020 foram coletadas 16.178 amostras para teste de moradores da Maré (PCR + Sorológico), sendo 2.618 testes com resultado positivo, representando 16%. A taxa de positividade dos testes PCR acumulados é de 12%.

Já em Manginhos o Centro de Testagem, inaugurado em dezembro, contou até 17/05 com 3.413 amostras de testes coletados (PCR + Sorológico), sendo 539 com resultado positivo - 15% do total, como mostra a tabela a seguir. A taxa de positividade dos testes PCR acumulados é de 15%.

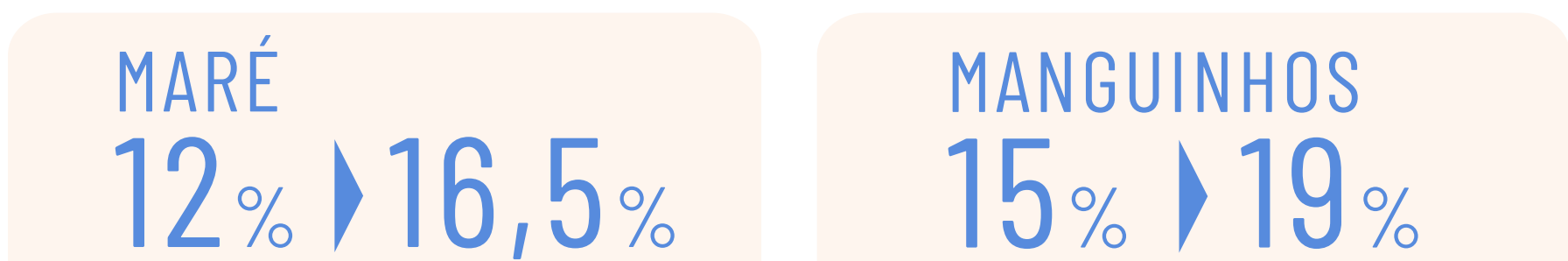


TESTAGEM - MARÉ					
	Amostras para teste			Testes Positivos	
	NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS		NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS
PCR	11.175	987	PCR	1.629	164
SOROLÓGICO	3.003	79	SOROLÓGICO	989	43

TESTAGEM - MANGUINHOS					
	Amostras para teste			Testes Positivos	
	NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS		NO TOTAL ACUMULADO	NOS ÚLTIMOS 14 DIAS
PCR	3.075	287	PCR	469	54
SOROLÓGICO	338	35	SOROLÓGICO	70	8

**Há, um aumento considerável dos testes PCR positivos nos últimos 14 dias em relação ao acumulado desde o início da testagem:**

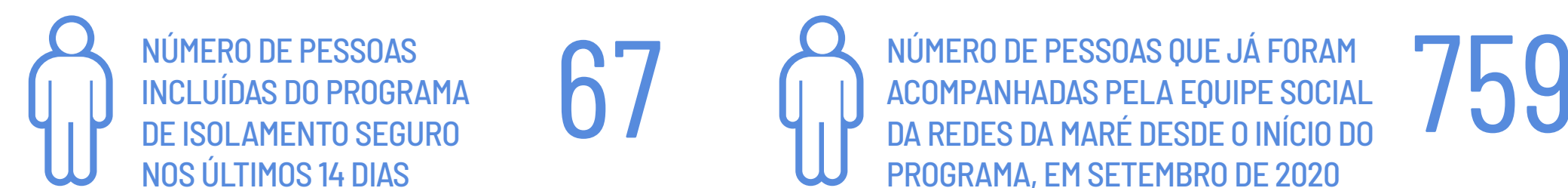


Os atendimentos de telemedicina realizados pelo SAS Brasil iniciaram em Manginhos e na Maré em 03/07/20. Desta data até 17/05 foram atendidos 1.317 casos com suspeita ou confirmação de Covid-19 na Maré e 42 casos em Manginhos.

TELEMEDICINA SAS BRASIL			
MARÉ		MANGUINHOS	
ATENDIMENTOS MÉDICOS	ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS	ATENDIMENTOS MÉDICOS	ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS
3.626	1.699	201	45

O programa de isolamento domiciliar atendeu, até o dia 19/05, 759 moradores - sendo que, apenas nas duas últimas semanas, 67 pessoas foram inseridas no programa depois de testarem positivo para a doença. Ao fim do período de isolamento, 375 formulários de avaliação foram aplicados entre pessoas que participaram do programa e 97% das pessoas conseguiram manter o isolamento por 14 dias ou mais. Esse dado aponta para a importância do acompanhamento médico, psicológico e social para que as populações em situação de maior vulnerabilidade tenham condições adequadas para realizar o isolamento e seguir os protocolos de segurança.

**PROGRAMA ISOLAMENTO SEGURO - SAS BRASIL + REDES DA MARÉ**





*“A pandemia não está necessariamente no topo das preocupações dos jovens da Maré neste momento”*

Necessidade de lidar com uma pirâmide de vulnerabilidades. É assim que Stallone Abrantes, psicólogo da organização Luta Pela Paz, ilustra a realidade dos jovens da Maré neste momento de pandemia e a forma que ela impacta o comportamento em relação ao coronavírus.

Ele elenca uma série de dificuldades, desafios e preocupações cotidianas que fazem com que o vírus seja mais um elemento trágico em uma complexa equação que é a sobrevivência dos jovens de favelas.

Nordestino de Cajazeiras, no sertão da Paraíba, Stallone atua há três anos em projetos de saúde mental de jovens da Maré e já atendeu mais de 150 pessoas desta faixa etária desde o início da pandemia.

Em entrevista exclusiva para o boletim Conexão Saúde - De Olho no Corona, ele nos ajuda a entender os comportamentos e anseios da juventude das favelas - especialmente da Maré - neste momento de dúvidas e desafios.



Divulgação

*“O que percebo é que preocupação com o vírus existe, mas vem depois de uma série de outras questões. A maioria não nega a pandemia, mas ela não está no topo das prioridades, há questões mais urgentes que preocupam e angustiam a juventude da favela”*



### Como você avalia a relação dos jovens da Maré com a pandemia, a partir do seu trabalho com este público em projetos da Luta pela Paz?

Acho que o mais importante pra gente entender o quadro atual, é considerar que várias questões não surgiram do dia pra noite. Elas se agravaram e durante a pandemia e ficaram mais críticas a partir de março do ano passado, quando muitos espaços físicos de sociabilização, de aprendizado, de respiro destes jovens foram fechados. Estamos falando de escolas, de projetos de esporte, de cultura, de reforço escolar, de cursos, de trabalho...

Houve – e ainda há – uma dificuldade muito grande dos jovens da favela de migrar estas atividades presenciais para o online – tanto pela conexão de internet, quanto pela apropriação das ferramentas digitais, pelo prolongamento da pandemia, pela necessidade de sair de casa...

### A pandemia está durando muito tempo. Como isso impacta na vida dos jovens da Maré?

Eles nos trazem muito a questão da perda de renda, do desemprego, da dificuldade de inserção no mercado de trabalho, de lidar com pais ou responsáveis sendo demitidos... Os próprios jovens que faziam trabalhos informais, vendiam bala no ônibus, mate na praia, água no sinal, tiveram que parar.

Talvez esta seja uma das formas mais concretas com que o vírus se apresentou para eles. Tendo que lidar com a dificuldade econômica, com a sobrevivência. Mesmo com a mobilização de várias organizações do território, como a própria Luta pela Paz, a Redes da Maré, o Observatório das Favelas, que distribuíram cestas básicas e insumos, fica a dúvida: será que vou ter o que comer amanhã?

*Há jovens que moram em espaços pequenos com muita gente, dois cômodos com às vezes oito, nove pessoas. Eles falam “tem dias que não quero conversar com minha mãe e preciso sair, dar uma volta pela favela”.*

Outra questão foi a dificuldade de se manter na educação formal, a pandemia fragilizou o vínculo de muitos jovens com a escola. Vários perderam o período de matrícula, seja por falta de acesso à internet ou às informações das datas, mas também por não verem muita perspectiva nesta relação com a escola.

### No que diz respeito aos cuidados com a Covid, os jovens falam sobre isso, se preocupam?

Eles trazem sim, mas às vezes a forma não é tão direta. Muitos relatam a dificuldade em se acostumar com o uso de máscaras e álcool em gel, outros trazem a realidade de suas casas, a fragilidade dos vínculos familiares...

Há jovens que moram em espaços pequenos com muita gente, dois cômodos com às vezes oito, nove pessoas. Eles falam “tem dias que não quero conversar com minha mãe e preciso sair, dar uma volta pela favela”. Eles sabem que é um risco, mas se sentem sem lugar: “não consigo ficar em casa, a rua também não é segura...”.



E quando vemos a realidade hoje na Maré, a rua não é segura só por causa da Covid. Os jovens relatam o receio em usar máscaras na rua e serem alvo de operação policial, serem confundidos com membros de grupos armados. Não é a mesma situação daquele jovem que está correndo sem máscara na orla de Copacabana porque está cansado, de saco cheio da pandemia.

Então a Covid não é necessariamente a maior preocupação, há outras questões graves que atravessam o cotidiano destes jovens. É uma pirâmide de vulnerabilidades que exige o foco deles e a pandemia não necessariamente está no topo.

*O que eu percebo é que eles (os jovens) se preocupam com a pandemia, não há uma negação quanto a isso. Quando eles vêm pros atendimentos estão sempre de máscara, respeitam os protocolos, falam sobre o assunto...*

### **Seria um entendimento de que a pandemia está longe da realidade deles?**

Tem um pouco isso, mas quando eles veem a mãe ou o avô doente, com o coronavírus, eles ficam mal, isso afeta muito eles. Sempre que ouvem que um conhecido, um vizinho, alguém da família contraiu a doença, eles ficam chocados.

Há também um olhar solidário destes jovens para a comunidade, da família fazer um sopão e dividir com outras pessoas, de compartilhar comida da despensa com o vizinho, eles estão articulando estas redes de solidariedade... Eu entendo que esta também é uma forma de combater o vírus, de enfrentar a pandemia.

### **Muitos avaliam que os jovens “não estão nem aí” com o vírus, vão pra rua, pro baile, pro forró como se não existisse pandemia... É assim que acontece?**

Eles reclamam da forma desigual que a favela é tratada: bares lotados na zona Sul da cidade e ninguém fala nada. Ali são jovens que voltam pra casa, têm todo o conforto, a empregada fez comida, não tem preocupação com trabalho. Quando é o baile funk na favela, todo mundo cai em cima. Eles dizem que é onde vão aliviar o estresse, paquerar, colocar a tristeza pra fora, encontrar os amigos...

O que eu percebo é que eles se preocupam com a pandemia, não há uma negação quanto a isso.

Quando eles vêm pros atendimentos estão sempre de máscara, respeitam os protocolos, falam sobre o assunto...

Mas eles também trazem o olhar da pandemia uma doença social, que tirou oportunidades. Alguns estavam em processo de seleção pra Jovem Aprendiz, pra pré-vestibular, começando um empreendimento... Eles dizem que não conseguem planejar, se organizar, fazer os corres, ajudar os pais em casa.

Minha mãe dizia que “só sabe a quentura da panela a colher que mexe nela”. As pessoas que estão fora desta realidade não têm como saber o que estes jovens vivenciam, o quanto a pandemia os afetou. Ela tirou de muitos a possibilidade de sonhar.





## EXPEDIENTE

### Conselho Editorial

Fernando Bozza - Dados do Bem  
Pamela Lang - Fiocruz  
Luna Arouca - Redes da Maré  
Camila Barros - Redes da Maré  
Sabine Zink - SAS Brasil  
Ana Silva - Conexão Saúde Manguinhos  
Eduardo Pádua - União Rio

### Edição

Luciana Bento

### Pesquisa e produção de conteúdo

Camila Barros e Luciana Chernicharo

### Revisão

Camila Barros, Luna Arouca e Luciana Bento

### Projeto gráfico e diagramação

Pictomonster

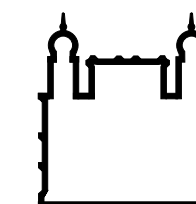
### Conteúdos para redes sociais

Jessica Pires e Luciana Bento

### Artes para redes sociais

Robert Silva

## REALIZAÇÃO:



Ministério da Saúde

FIUCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



[redesdamare.org.br/conexaosaude](https://redesdamare.org.br/conexaosaude)

